

A POESIA DE CRISTIANE SOBRAL: PERTENCIMENTO E RESISTÊNCIA

Wilvon de Oliveira Sampaio

Formado em Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

<https://lattes.cnpq.br/0602479638484971>

<https://orcid.org/0009-0001-6700-9208>

E-mail: wdeoliveirasampaio@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-64>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar como a literatura afro-brasileira se manifesta através dos poemas *Não Vou Mais Lavar os Pratos* (2011) e *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014) da escritora negra contemporânea Cristiane Sobral na perspectiva do pertencimento e resistência em relação ao debate das questões raciais, especificamente ao protagonizar a vida e a história da mulher negra. A literatura de Cristiane Sobral desconstrói e ressignifica o papel da mulher negra, antes vista apenas com o estereótipo de serviços domésticos e corpo sexualizado. Essa escritora aciona o poder da escrita para mostrar que a mulher negra pode fazer parte de forma igualitária nos diversos setores sociais, nos quais ainda predomina pouca participação dos afro-brasileiros. Cristiane Sobral usa sua escrita literária também para demonstrar resistência ao dizer que não vai mais lavar os pratos, e vai usar seu cabelo crespo como cidadã pertencente ao local onde vive, não se importando com o que os outros podem achar e quem vai se incomodar. Para embasar este trabalho utilizou-se a metodologia com caráter de pesquisa bibliográfica, analítico interpretativo, fazendo uso de autores como: Carneiro (2003), Martins (2016), Vila e Cruz (2010), Ferreira (2017), Gomes (2019), Lima (2015), dentre outros. A escolha dos poemas para análise se deu em fase de apresentarem um pouco do conhecimento sobre luta, resistência e pertencimento em busca de uma sociedade em que todos, sem distinção possam viver com respeito e dignidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher negra. Poesia. Resistencia. Pertencimento.

THE POETRY OF CRISTIANE SOBRAL: BELONGING AND RESISTANCE

ABSTRACT: This article aims to present how Afro-Brazilian literature manifests itself through the poems *Não Vou Mais Lavar os Pratos* (2011) and *Só por Hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014) by the contemporary black writer Cristiane Sobral from the perspective of belonging and resistance in relation to the debate on racial issues, specifically when highlighting the life and history of black women. Cristiane Sobral's literature deconstructs and reframes the role of black women, previously seen only with the stereotype of domestic services and sexualized bodies. This writer uses the power of writing to show that black women can participate equally in different social sectors, in which there is still little participation by Afro-Brazilians. Cristiane Sobral also uses her literary writing to demonstrate resistance by saying that she will no longer wash the dishes, and will wear her curly hair as a citizen belonging to the place where she lives, not caring what others may think and who will be bothered. To support this work, the methodology was used with the character of bibliographical, interpretative analytical research, making use of authors such as: Carneiro (2003), Martins (2016), Vila e Cruz

(2010), Ferreira (2017), Gomes (2019), Lima (2015), among others. The choice of poems for analysis took place in the phase of presenting a little knowledge about struggle, resistance and belonging in search of a society in which everyone, without distinction, can live with respect and dignity.

KEYWORDS: Black woman. Poetry. Resistance. Belonging.

INTRODUÇÃO

Conforme esclarece Zin (2018), os estudos críticos sobre a literatura afro-brasileira ganharam força no Brasil nas últimas três ou quatro décadas. Ressalva-se que na literatura, principalmente a brasileira, as personagens femininas negras sempre foram retratadas através de dois estereótipos: negras pobres e trabalhadoras e a sexualização do corpo da mulata.

Para romper com esses estereótipos a literatura afro-feminina tem contribuído progressivamente para construir uma identidade própria, resistente em que as mulheres negras discutam e questionem os papéis e lugares que foram historicamente e culturalmente designadas.

Sendo assim, é que Cristiane Sobral, se destaca hoje por ser uma escritora que procura através de sua escrita ressignificar palavras e valores distorcidos pela literatura canônica. Seus versos são carregados de renúncia a tudo que até então fora imposto como verdade, acredita-se que objetivando uma desconstrução dos tais estereótipos atribuídos as mulheres negras.

Assim, é importante perceber que nas obras das escritoras negras, em específico a de Cristiane Sobral transmite uma realidade vivenciada não somente por elas, mas também por seus antepassados. Partindo desse pressuposto, este artigo visa responder o seguinte problema: Como a literatura afro-brasileira tem se manifestado para protagonizar a vida e a história da mulher negra?

Pode-se dizer que é manifestada, através de uma literatura afro-feminina que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas, por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas (SANTIAGO, 2012, p. 155).

Dessa forma o objetivo geral desse artigo é apresentar o poder que a literatura afro-brasileira tem através dos poemas *Não Vou Mais Lavar os Pratos* (2011) e *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014) da escritora negra contemporânea Cristiane Sobral sob a perspectiva do pertencimento e resistência em relação ao debate das questões raciais.

E tendo como suporte os seguintes objetivos específicos: investigar a relação de sua poesia com o feminismo negro, engajamento político e seu discurso afirmativo, de estímulo e de esperança; abordar a representatividade, da mulher negra no reconhecimento de sua imagem retratada na literatura e discutir a necessidade de uma imagem da mulher negra livre de estereótipos racistas e referências pejorativas.

A relevância desse artigo está no fato de ser mais um estudo que destaca a escrita de uma autora negra em que se posiciona de forma contundente para a quebra de paradigmas dos estereótipos criados em nossa sociedade ideológica, além de mostrar através do fazer poético o lugar da mulher negra na sociedade contemporânea.

Na produção deste artigo utilizou-se o recorte de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa em que se utilizou dados já existentes relacionados a temáticas, além de utilizar uma análise própria dos dados pesquisados.

Com isso estruturou-se esse artigo em quatro seções, sendo a introdução a primeira que traz um panorama geral do trabalho. A segunda seção traz reflexões sobre a luta da mulher para sair da invisibilidade, a qual foi submetida durante um longo processo histórico.

A terceira seção traz a discussão sobre o termo Literatura Afro Brasileira, com uma subseção que traz considerações sobre a literatura afro-feminina brasileira. Na quarta seção destaca-se breves considerações sobre o fato da poesia de Cristiane Sobral ressaltar a resistência e pertencimento e quatro subseções, sendo que a primeira traz informações sobre a vida da escritora alvo desse artigo, na segunda, tem-se considerações sobre análise de dois poemas da autora em estudo, a terceira analisa o poema *Não vou mais lavar os pratos* (2011) e a quarta analisa o poema, *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014).

E por fim a considerações finais que traz reflexões, sobre a literatura afro-feminina, principalmente de Cristiane Sobral, uma que está transita por várias áreas e temas se engajando politicamente, mas mantendo a beleza estética.

A LUTA DA MULHER PARA SAIR DA INVISIBILIDADE

A mulher ao longo dos anos desde as sociedades mais antigas, como preconiza a História era considerada uma pessoa inferior ao homem, tratada como objeto de uso deste, servindo apenas para procriar, cuidar dos filhos e ser submissa às suas vontades e prazeres, sendo mantidas exclusivamente em situações subalternas, ou seja, sempre a mulher foi associada meramente como objeto de satisfação masculina, resultando com isso na sua desvalorização e discriminação nos diversos meios em que se encontrava inserida.

Com isso a caminhada da mulher ao longo da história foi marcada pela invisibilidade. Assim, na Europa do século XVIII, ainda se discutia “se as mulheres eram seres humanos ou se estavam mais próximas dos animais irracionais” (PERROT, 2008, p. 11). Esse foi um dos pensamentos sobre a mulher que acabou limitando a sua ação no tempo e espaço, colocando-as a margem da história.

Conforme Martins (2016), para mudar esse cenário as mulheres vêm se utilizando dos movimentos feministas para buscar a reivindicação do efetivo reconhecimento de seus direitos, e desempenhando um importante papel na busca pela igualdade.

Sabe-se que essa luta tem sido árdua, muito embora ao longo dos anos tenham “conquistado seu espaço na sociedade, sobretudo o reconhecimento de inúmeros direitos, tanto em âmbito nacional como internacional e, por estar equiparada ao homem em direitos e obrigações” (MARTINS, 2016, p. 2).

Luta que se voltou mais para a questão do feminismo, pois segundo Coqueiro (2016), este é um movimento que pregava a igualdade de direitos entre os sexos e liderado, de uma forma geral, por mulheres brancas de classe média da Europa Ocidental e da América do Norte.

A autora destaca que a partir desse momento, se tem uma vasta produção intelectual que visava questionar os dogmas machistas cristalizados na sociedade ocidental.

O que chama atenção é o fato de que se, para as mulheres brancas a luta não foi e nem está sendo fácil, imagina-se para a mulher negra que já vem de uma situação de escravidão e de objetivação mais definida, tendo em vista que, segundo Vila e Cruz (2010), a condição das mulheres negras não era similar a das mulheres brancas: sobre as mulheres negras escravizadas pesava o fardo de ser escrava dos desejos do homem branco e vítima dos ciúmes das suas senhoras brancas e a essa dominação de gênero somava-se as influências de pertencer a uma raça considerada inferior, além da condição econômica servil.

Somado a essa situação de escrava, o racismo e o fato de serem vítimas das práticas sexuais do homem branco, criou-se uma visão sedimentada de uma percepção distorcida de sua sexualidade, verificada na cultura de que “as mulheres negras e pardas, estereotipadas como mulatas “quentes e sensuais” e na convicção geral de que elas estão naturalmente destinadas a exercer papéis subalternos em todos os setores da sociedade”. (VILA: CRUZ, 2010, p.2).

Outro aspecto que dificulta a luta da mulher negra mais ainda, reside no fato de que no Brasil a visão sobre a mulher seguia o pensamento eurocêntrico, fato este que era acentuado pelo

fator racial hierarquizado pela cor da pele, que colocava os homens e mulheres afrodescendentes escravizados e libertos em profundo desmerecimento social, material e moral, este último muito mais as mulheres, pela exposição a violência e a humilhação, condições que marcaram a construção do seu imaginário social determinando seu lugar de inferioridade no espaço social delimitando ações e negando direitos (OLIVEIRA, 2014, p 1587).

Corroborando com a citação, argumenta-se que a situação descrita adentrou o século XXI, embora a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 5º, inciso I, estabeleça que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”.

Infelizmente, na sociedade contemporânea a mulher ainda é colocada em situações de opressão e submissão social, haja vista que ainda subsiste o pensamento (patriarcal) de que ela seja inferior ao homem.

Embora seja relevante “evidenciar e perpetuar discussões acerca das lutas feministas, haja vista que a questão da inferioridade e vulnerabilidade da mulher ainda são latentes nos dias de hoje” (MARTINS, 2016, p.2), no caso da mulher negra reside o fato de que enfrentar a falta de discussões sobre a raça e sua condição enquanto mulher.

Isso se deve ao fato da falta de discussão sobre a raça e a condição da mulher negra é parte da estratégia de dominação branca, pois o silêncio reforça a imagem de que no Brasil, as desigualdades raciais têm importância mínima, segundo argumentação de Caldwell (2000), pois,

Várias feministas negras mostraram que a falta de atenção à relação entre a dominação racial e a de gênero escondeu a cumplicidade de mulheres brancas com seu privilégio racial e reforçou o status subalterno das mulheres negras. (CALDWELL, 2000 *APUD*. VILA: CRUZ, 2016, p. 6).

Sem dúvida nenhuma que a luta dos negros pós abolição teve diversas dificuldades, a exemplo disso, pode-se citar o cenário da década de 1970, em que a população negra estava inserida aqui no Brasil, consoante esclarecimento de Pires (2020), que em virtude da instabilidade dada pela repressão da ditadura civil militar e as disputas no campo político da oposição ocasionaram uma certa desarticulação do movimento negro organizado em nome da luta coletiva pela democracia.

Isto é, as particularidades de cada movimento social passaram a ocupar um segundo plano em razão das campanhas pela democracia. Corroborando com essa afirmação, o depoimento abaixo ilustra essa situação

(...) tínhamos três tipos de problemas, o isolamento político, a ditadura militar e o esvaziamento dos movimentos passados. Posso dizer que em 1970, era difícil reunir mais do que meia dúzia de militantes do movimento negro (DOMINGUES, 2007, p.111).

Isso se justifica, conforme Pires (2020), pelo fato dos militantes negros terem sido estigmatizados e acusados pelos militares de “criar o problema do racismo” no Brasil, que supostamente não existia. Com isso suas lutas por direitos sociais para a população negra foram consideradas inimigas do governo. “Militantes foram presos na

época, enquanto as ativistas feministas negras foram acusadas de fragmentar tanto a luta feminista quanto a luta contra a discriminação racial (NEPOMUCENO, 2013, p.90).

No contexto da luta das mulheres negras, destaca-se aqui o que Sueli Carneiro, escritora e ativista do movimento social negro, também fundadora do Geledés - Instituto da Mulher negra de São Paulo, considerada uma das principais autoras do feminismo negro, revela bem, atualmente, o fato sobre o que poderia ser considerado como história ou apenas reminiscências do período colonial, permanece muito vivo no imaginário social, adquirindo novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça, instituídas no período da escravidão. Uma vez que segundo essa escritora:

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras (CARNEIRO, 2001, p. 1).

Sendo assim, a luta em prol do desenvolvimento e do pensamento político do negro objetivando uma mudança em sua condição moral, social e material é intitulou-se “Enegrecendo o feminismo” expressão essa, que Sueli Carneiro vem utilizando para “designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro (CARNEIRO, 2003, p.118).

Ela ressalta que essa expressão tem a ver principalmente com a luta pela causa das mulheres negras, incentivando-as a esforçarem-se pela instrução, caminho para mudança de pensamentos e estigmas.

E, é baseado nessa luta que em sua escrita ela reforça o poder e a coragem das mulheres negras e ao mesmo tempo desfaz os mitos atribuídos as mulheres, no entanto esses mitos nunca foram direcionados, ou melhor dizendo nunca fizeram para da vida das mulheres negras.

Assim, enumera-se cada mito atribuído às mulheres de modo geral e desfeitos no que tange às negras. Nesse sentido, é relevante esclarecer que esses mitos descritos abaixo se referem as pesquisas e a escrita de Sueli Carneiro em seu trabalho “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina, a partir de uma perspectiva de gênero.

Assim, o primeiro mito é o da fragilidade feminina, justificado pela proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, no entanto, as negras fazem parte de um contingente, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca foram tratadas como frágeis, pois trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas.

Nesse sentido, essas mesmas mulheres não entenderam nada quando as feministas disseram que deveriam ganhar as ruas e trabalhar. Além disso fazem parte de mulheres com identidade de objeto.

O segundo mito é o da rainha do lar e musa dos poetas, que não se sustenta porque as negras fazem parte de um contingente que não são rainhas de nada, e ainda são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a branca.

O terceiro mito está na garantia de oportunidades iguais para homens e mulheres no mercado de trabalho, no entanto, isso não garante emprego a mulher negra por que elas fazem parte de um grupo para as quais os anúncios de emprego destacam: “Exige-se boa aparência”.

O quarto mito está quando se fala que a mulher é um subproduto do homem, posto que foi feita da costela de Adão. Entretanto, as negras fazem parte de um contingente de mulheres originárias de uma cultura que não tem Adão. Pois “fazem parte de uma cultura violada, folclorizada e marginalizada, tratada como coisa primitiva, coisa do diabo, esse também um alienígena para a nossa cultura” (CARNEIRO, 2001, p. 2).

O quinto mito é o da democracia racial, desfeito também, porque as mulheres negras fazem parte de um contingente ignoradas pelo sistema de saúde na sua especialidade. Nesse sentido, não se registra a cor dos pacientes nos formulários da rede pública, todavia essa informação seria indispensável para avaliar as condições de saúde das mulheres negras no Brasil, uma vez que segundo dados de outros países, as mulheres brancas e negras apresentam diferenças significativas em termos de saúde.

Conclui-se essa seção reforçando que ao abordar essa temática contribuirá para destacar o valor da mulher negra no âmbito social, objetivando contribuir para uma consciência educativa, tanto na escola como em outras instituições para que construa

valores em uma sociedade de direitos e também de deveres, possibilitando o despertar de cidadãos, equilibrados e responsáveis pelo seu próximo.

O TERMO LITERATURA AFRO BRASILEIRA EM DISCUSSÃO

Mais importante do que conceituar se fará breves considerações sobre as expressões “literatura negra no Brasil”, “literatura afro-brasileira” ou “afrodescendente”, expressões essas que vem suscitando muitas discussões, tendo em vista que as expressões citadas, se apresentam recorrentes no meio acadêmico e literário, embora apontem conceitos ora convergentes, ora divergentes (PEREIRA, 2013, p. 5).

O autor ressalta que as particularidades defendidas para cada expressão nem sempre são suficientes para responderem certas questões propostas pela crítica, teoria e história da literatura, e mesmo pelos escritores, sendo a própria definição do conceito ainda hoje polêmica.

Independente de qual for as definições, elas dizem respeito aos valores e imbricamentos de um segmento social que luta, até hoje, contra o preconceito e a exclusão impostos pelo conjunto da sociedade brasileira (FONSECA, 2006, p.13).

Seguindo esse viés, Ironides Rodrigues citado por Lobo (2007), assevera que a literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo.

Ele tem que se assumir como negro. Ampliando seu pensamento a autora citada afirma que,

um dos aspectos primordiais, que caracteriza a literatura afro-brasileira, é o fato dela ter surgido no momento em que o negro passa de objeto a sujeito da criação, deixando de ser tema para autores brancos e passando a registrar a sua própria visão de mundo. (LOBO, 1993, p. 222).

Diante das discussões acerca dos conceitos de literatura afro-brasileira, pode-se observar que ela está longe de ter um conceito único e definitivo, pois conforme afirmação de Sousa (2019), não se acredita que os pesquisadores chegarão a um consenso definidor quando nem mesmo a própria África, que dá origem ao termo “afro”, é singular.

A autora também afirma que, considerando o caráter multicultural e mestiço do Brasil, resultado do processo colonial que alicerça sua formação identitária, talvez isso não seja possível.

Conclui-se essa seção com os dizeres de Sousa (2019), ao afirmar que, ainda assim, acredita-se que a literatura afro-brasileira pode ser compreendida como aquela que está engajada com a causa negra brasileira, buscando apresentar o negro e sua cultura por outro viés, de cunho positivo, que contradiga aquele, negativo, apresentado pela cultura branca. Sendo para as mulheres negras por muito tempo um espaço que a excluía e negava sua participação.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA AFRO-FEMININA BRASILEIRA

Antes mesmo de destacar aspectos sobre a literatura afro-feminina se faz necessário apresentar considerações em torno da luta através da escritura de mulheres negras que começou muito antes de se ter a alcunha do termo literatura afro-feminina.

Nesse contexto a luta pelo acesso as letras no Brasil continuaram estimulando o segmento negro e atravessou séculos mostrando muitas transformações razões e influências por diversas mulheres, que pensavam à frente do seu tempo, visto que tiveram a coragem de se permitir, mesmo sem reconhecimento imediato, iniciarem uma luta que seria continuada no futuro

Mesmo que os homens duvidassem da capacidade criadora delas, puderam mostrar através do tempo, e nestes últimos séculos que também sabem realizar com muito esmero ofício da escrita.

Destaca-se aqui Nísia Floresta, escritora e abolicionista, representante da mulher brasileira no período oitocentista que usava da escrita para reivindicar igualdade e educação para as mulheres

Segundo Ferreira (2017), se pensa a escrita afro-feminina em movimento, em um ato de resistência, pois acredita-se que teve seu início em 1859, com a publicação do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.

Conforme Liliane Nogueira (2016), foi a partir da década de 1970, que houve uma explosão da literatura que tinha mulheres como vanguardistas, marcando a expansão da literatura negra propriamente dita, com produções tanto de mulheres quanto de homens negros comprometidos com as causas da negritude.

Com isso, a literatura afro-feminina traz uma escrita que busca sua própria representação quebrando assim com os estereótipos e imagens negativas das mulheres negras que por muito tempo figuram na literatura tradicional brasileira feita por escritores brancos.

Para isso, se juntaram em movimentos literários e passam a expressar seus próprios desejos poéticos, suas dores, lutas, histórias, anseios e memórias (LILIANE NOGUEIRA, 2017, p. 4).

Certamente, houveram mulheres que se destacaram na sua luta em favor dos direitos das negras usando para isso a sua escritura como: Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina de Reis, Conceição Evaristo, etc.

Estas certamente abriram espaços para outras como Djamila Ribeiro, Mel Duarte, Ryane Leão, Jarid Araes, Ana Maria Gonçalves, Alzira Rufino, Geni Guimarães, Lia Vieira, Cristiane Sobral, dentre outras.

Conclui-se essa seção conforme afirma Ferreira (2017), que a literatura afro – feminina, além de, denunciar a situação pela qual ainda estão submetidas às mulheres negras, revela quem é esta mulher, que está em constante busca por seus direitos.

Diretos, estes, desde aqueles considerados os mais básicos, como o direito ao pão, à moradia, ao trabalho e até aqueles considerados mais “complexos” como o direito à fala, à maternidade, ao corpo, à sexualidade, ao estudo, à afro-brasilidade, à ancestralidade, à religiosidade, à memória, à poesia, à família, ao amor.

Ademais, essas escritoras utilizam a palavra para revelar suas marcas, sua existência, revelando, também, suas experiências de vida. É o que Ferreira (2017), destaca ao dizer que são escritas resultante daquilo que elas viveram, viram ou ouviram. É um texto que se posiciona, não é neutro. Tem cor, sexo e posição social.

A POESIA DE CRISTIANE SOBRAL: RESISTÊNCIA E PERTENCIMENTO

Antes de destacar o papel de Cristiane Sobral, na literatura afro-feminina é importante tecer considerações sobre a importância do gênero poesia que tem se destacado na produção literária feminina afro-brasileira. Isso se justifica, segundo Petti (2018), em tese, pelo fato da poesia ser o gênero que melhor representa a produção escrita do movimento negro brasileiro.

Embora as escritoras negras não se limitam apenas a poesia, escrevem também outros gêneros literários. No entanto, Maistella Petti, destaca que o gênero poético é o mais adequado para,

condensar os princípios de resistência cultural coletiva que suas autoras exercem, e isso devido à dimensão do eu lírico: este representa a subjetividade concretizada pela escritora para se comunicar com suas semelhantes; em outras palavras, talvez de maior impacto visual: o eu lírico representa a mulher que se torna sujeito dentro do espaço de valores que ela criou, representado, por sua vez, pela composição poética (PETTI, 2018, p. 10).

É nesse gênero que se destaca Cristiane Sobral, por que sua poesia foi a responsável por colocá-la na condição de resistir e lutar por seu lugar de pertencimento. Nesse gênero, não somente ela, mas todas as escritoras negras que usam da escritura poética em prol de sua luta, têm oportunidade de expressar sua própria subjetividade, de uma maneira que se torna inconfundivelmente identificável com a autora.

Com isso, tem-se percebido que as escritoras afro-brasileiras buscam construir e apresentar novos perfis femininos à literatura brasileira, negando a imagem exótica, sensual, animalesca (Sousa, 2019, p. 115).

Nesse sentido, observa-se que “a poesia é um gênero ligado a subjetividade, que envolve tanto a subjetividade de quem escreve como a de quem ler.” (COSTA, 2016, p. 3833).

Conclui-se essa seção ao corroborar com esses autores ao afirmar que os poemas de Cristiane Sobral, têm estilo próprio, ou seja, sua marca, pois é ousado e moderno abordando várias temáticas, todas ligadas ao empoderamento da mulher negra.

CRISTIANE SOBRAL: TRAJETÓRIA DE VIDA

Ao longo da história, a mulher realizou uma caminhada marcada pela invisibilidade. No entanto, a mulher desse estudo tem nome e sobrenome, se chama Cristiane Sobral Correa Jesus, assim, esse trabalho faz referência à construção literária de mulheres negras, portanto Cristiane é negra e luta por oportunidades sem esconder sua raça.

Sabe-se que a mulher negra foi destinada pela sociedade a condição de serviços domésticos compondo um reforço social, onde a instrução parecia uma distante realização. Mas Cristiane Sobral, é escritora, é atriz, é bacharel em Interpretação Teatral, licenciada em Artes Cênicas e Mestre em Artes pela Universidade de Brasília, especialista em Docência Superior UGF-RJ.

É Coordenadora de Modernização na Fundação Cultural Palmares. Diretora de Gestão e Produção Cultural no Sindicato dos Escritores do DF. Escritora imortal ocupante da cadeira 34, na Academia de Letras do Brasil. Portanto, pode-se dizer que esta mulher conseguiu ultrapassar o que estava destinado às mulheres negras

O pensamento de outrora era o de que a mulher devia apenas ficar cuidando da casa, dos filhos e do marido. Hoje Cristiane Sobral, é mãe e esposa, mas luta para que seus filhos tenham oportunidades por igual e ainda defende os direitos das mulheres.

Ela é negra e nasceu em 1974, no Rio de Janeiro, mas atualmente vive em Brasília. Seus poemas têm como temas os aspectos sociais, sobretudo no que diz respeito aos que envolvem a negritude.

Observa-se que as mulheres continuaram mostrando sua competência e coragem e pouco a pouco ganham o reconhecimento de seus direitos. Com isso, Cristiane Sobral, estabelece uma intensa e íntima relação com o teatro e com a literatura, pois foram expressões artísticas que sempre tiveram presentes em sua vida.

Para Cristiane, sua cultura não tinha visibilidade, sendo assim, cultivou o desejo de se afirmar como artista negra iniciando suas publicações na antologia Cadernos Negros em 2000, e desde então tem publicado em vários volumes da série.

Tem atuado como parecerista em editais do Ministério da cultura com ênfase na cultura negra, além de escrever no blog: www.cristianesobral.blogspot.com.

Essa mulher tem dedicado muito de seu tempo ministrando palestras em vários espaços como: universidades, escolas de ensino regular, eventos literários e sociais sobre a temática negra.

Como se pode observar Cristiane, está sempre buscando formas de quebrar paradigmas e desconstruir preconceitos enraizados, independente da área de atuação. Tudo para ressignificar o papel da mulher negra na sociedade e evidenciar a importância do acesso à cultura e a educação.

ANÁLISES DE DOIS POEMAS DE CRISTIANE SOBRAL

Cristiane Sobral reserva em seus poemas, espaços para discorrer sobre as dificuldades enfrentadas pelos afrodescendentes em decorrência do preconceito racial ainda existente na sociedade, impossibilitando-lhes sua inserção igualitária em diversos setores sociais. Sua poesia é rica em ironias utilizadas para demonstrar as diferenças raciais existentes.

Ressalta-se que é preciso coragem e determinação para romper com teorias e posicionamentos estabelecidos numa sociedade. “Coragem para se posicionar de forma contrária ao esperado, criando uma nova rota, um caminho de fuga, que aqui é a criação de novas possibilidades e novos sujeitos” (PESTANA, 2017, p. 52).

Essa autora ressalta que os poemas de Cristiane Sobral, de forma criadora, desconstruem uma estética padronizada da Literatura, gerando uma força propulsora para a criação de uma nova Literatura afro-brasileira.

Ao ler os poemas dessa escritora, percebe-se um estilo próprio, ousado e moderno, pois na sua estética criadora ela aborda várias questões, dentre elas “o corpo, o amor e a beleza da mulher negra, que também ressurgem de um passado estigmatizado onde sua verdadeira essência e identidade foram nitidamente deturpados” (PESTANA, 2017, p. 52).

O primeiro livro de poemas de Cristiane foi “Não vou mais lavar os pratos”, o qual fez o maior sucesso, sendo que o poema que abre o livro possui o mesmo nome. Nesse livro pode se encontrar poemas que versam sobre “maternidade, amor, sexo, cabelo, racismo e escrita literária, todos culminam no mesmo objetivo: a valorização e o empoderamento das mulheres negras (PESTANA, 2017, p. 52).

Cristiane Sobral, mostrou seus textos ao mundo quando fez sua primeira publicação no ano de 2000, no volume 23 dos *Cadernos Negros*, a partir daí sua produção literária só aumentou e sua voz ecoou o mais longe que pode alcançar, pois é possível observar uma grande quantidade de pesquisas que envolve sua escrita, pois ela está sempre ressaltando em seu discurso um lugar dentro do campo intelectual para a construção das identidades negras.

Na verdade, sua poesia é composta de subjetividades. Assim, ao analisar os poemas dela, há possibilidades de interpretação diferente de outras já realizadas, no entanto, há sempre pontos em comum, como o fato de Cristiane trabalhar liricamente a questão da etnicidade na perspectiva de exaltação dos valores negros, bem como a construção afirmativa de identidade.

Visto que na introdução de um de seus livros ela declara que: “ao escrever procuro desvendar os mistérios do reino das palavras como uma criança em busca de estratégias para montar um quebra-cabeças, num exercício de inteligência e sensibilidade” (SOBRAL, 2006, p. 49). É, portanto, isso que se analisará na próxima seção o poema título do primeiro livro.

NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS (2011)

<p>Não vou mais lavar os pratos Nem vou limpar a poeira dos móveis Sinto muito. Comecei a ler Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi Não levo mais o lixo para a lixeira Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos a estética dos traços, a ética. A estática Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros mãos bem mais macias que antes e sinto que posso começar a ser a todo instante Sinto</p>	<p>Não vou De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais Entendi você foi o que passou Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto Desalfabetizou Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes móveis.</p>
---	--

<p>Qualquer coisa Não vou mais lavar Nem levar. Seus tapetes para lavar a seco Tenho os olhos rasos d'água Sinto muito Agora que comecei a ler, quero entender O porquê, por quê? E o porquê Existem coisas Eu li, e li, e li Eu até sorri E deixei o feijão queimar... Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto Considere que os tempos agora são outros. Ah, Esqueci de dizer. Não vou mais Resolvi ficar um tempo comigo Resolvi ler sobre o que se passa conosco Você nem me espere. Você nem me chame.</p>	<p>Não tocarei no álcool Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar Meu tênis do seu sapato Minha gaveta das suas gravatas Meu perfume do seu cheiro Minha tela da sua moldura Sendo assim, não lavo mais nada e olho a sujeira no fundo do copo Sempre chega o momento De sacudir, de investir, de traduzir Não lavo mais pratos Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiusculo Em letras tamanho 18, espaço duplo Aboli Não lavo mais os pratos Quero travessas de prata, cozinhas de luxo E joias de ouro Legítimas Está decretada a lei áurea. (SOBRAL, 2011, p.23)</p>
---	---

Como já se sabe, a escravatura sustentou o poder de um grupo sobre o outro, sobretudo, o poder dos senhores donos de escravos sobre a mulher negra. Nessa relação de poder, foi imposta à mulher negra, além do estereótipo da erotização de seu corpo vitimou-a á violência, tendo em vista que o seu papel foi desenhado sob um olhar machista, numa sociedade chefiada por homens escravocratas.

Nesse contexto, o processo do racismo, dentro de uma perspectiva de gênero, “coisificou” a mulher negra e deu-lhe uma inferioridade que justificou, durante muito tempo, (e ainda justifica) os abusos domésticos e de origem sexual. (PESTANA, 2017, p. 43). Por isso, sobre essas mulheres recaem tanto as representações em relação ao uso de seu corpo enquanto objeto sexual como os que o vêm apto ao trabalho doméstico (SILVA, 2009, p. 71).

Portanto, ao analisar o poema *Não vou mais lavar os pratos*, observa-se de um modo geral que o eu-lírico transmite a ideia de uma tomada de consciência que o saber não depende de cor ou raça, tem a oportunidade de ser bem mais do que traçaram para ela, pois quando diz: *Não vou mais lavar os pratos/ Nem vou limpar a poeira dos móveis. Sinto muito. Comecei a ler.* Fica claro para o leitor, que a leitura desperta e que o eu-lírico começa a se enxergar como alguém que tem um lugar no mundo e um papel a desempenhar em razão de seus direitos e conquistas. Esses versos também fazem alusão ao trabalho doméstico ao qual fora imposto às mulheres negras e pobres, e em sua maioria

sem instrução, pois, como já citado anteriormente, isso não era permitido às mulheres e às negras principalmente.

O eu-lírico continua reafirmando a ideia do trabalho doméstico, ao dizer o seguinte: *Não levo mais o lixo para a lixeira. / Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal / Depois de ler, percebi a estética dos pratos a estética dos traços, a ética.* Numa clara mensagem de que a leitura desperta a visão de que todas as coisas possuem uma determinada forma, mais ética, um novo olhar sobre aquilo que tentaram por muito tempo impor como normalidade.

Na segunda estrofe, intitulada: A estática, o eu -lírico transmite um sentimento de fortaleza de autoestima elevada pelo fato de ler. Para ele, quem lê, passa a sentir bem, por ter uma nova perspectiva de tudo, de realizar sonhos e de se permitir sonhar. Isso fica claro nos versos, *sinto que posso começar a ser a todo instante. Sinto.*

Na terceira estrofe, o eu-lírico se emociona quando diz que não vai mais fazer os serviços domésticos como demonstra os versos. *Tenho os olhos rasos d'água,* e ainda faz uma repetição intensa que a leitura é essencial para entender o porquê de tudo e até se sente feliz com essa descoberta, demonstrada nos seguintes versos: *Eu li, e li, e li /Eu até sorri.* E ainda determina para o leitor que: *...os tempos agora são outros...*, reforçando, com isso, a ideia de mudança.

Na quarta estrofe o eu lírico já passa a ideia de um amadurecimento que descobriu com a leitura, se consolidando como um ser completo e verdadeiro, ele reitera que quer ler para entender o que se passa não somente com ele, mas, com os outros, pois, o que aconteceu passou, no sentido de não voltar e passou dos limites.

Na quinta estrofe o eu-lírico chega ao ápice do entendimento e passa isso para o leitor com o seguinte verso, *não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira.* Certamente essa sujeira está em toda a situação de inferiorização que a mulher negra passou (e que ainda passa), que seria o abuso de poder, a diferença de classes e de trabalhos subordinados, trabalhos não reconhecidos, e, ainda, os serviços domésticos aos quais foram submetidas no velhos tempos da escravidão, a servidão e abuso de poder sobre outro ser humano.

Na sexta estrofe o eu-lírico reitera que depois de tantos anos alfabetizada, aprendeu a ler, ou seja, passou a lutar por seus direitos, a assumir a sua condição de mulher negra livre da imposição que por tanto tempo foi vítima e que agora os serviços domésticos são divididos como mostra os versos: *Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar / Meu tênis do seu sapato / Minha gaveta das suas gravatas*

O eu- lírico ainda passa a ideia de que sempre chega o momento *De sacudir, de investir, de traduzir*. Acredita-se que ele se refere ao fato das mulheres negras terem resistido e lutado e continuam lutando por seu lugar de pertencimento, que já estão conseguindo mudar o estereótipo de serem apenas corpos sexualizado, mas sim seres pensantes, inteligentes e capazes de fazerem qualquer coisa que se propuserem, por isso, ela diz que não vai mais lavar pratos, aludido ao fatos da imposição dos serviços domésticos e por isso mesmo declara no final da estrofe que: *Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo / Em letras tamanho 18, espaço duplo*.

Na última estrofe, o eu lírico já se vê sujeito com todos os sonhos de consumo que outrora não era reservada para as mulheres negras. Assim, se percebe que essa última estrofe permite a construção de reflexões sobre a mulher e seus papeis e lugares a serem assumidos por esta na sociedade. Sendo assim, conclui-se a análise desse poema, com a afirmação de que o eu-lírico em todo o poema passa ao leitor as reivindicações que ela faz e requer, como:

Os novos papeis para si e para o grupo do qual faz parte. Neste caso, trata-se de uma mulher negra, culturalmente designada a ser domesticada e a exercer trabalhos domésticos, que constrói um contradiscurso a fim de combater as imagens representadas e instauradas pela cultura hegemônica (LIMA, 2015, p. 6).

Ademais, a literatura afro-feminina tem dado oportunidade às mulheres, a exemplo aqui Cristiane Sobral, para resistir, se mobilizarem, se empenharem, se resignificarem, em reescreverem essa história pautada na hierarquia racial e de gênero para explorar os corpos e criar representações negativas dessas mulheres, a fim de situá-las em lugares sociais inferiores, ou seja, os papeis e lugares a que foram historicamente e culturalmente designadas.

SÓ POR HOJE VOU DEIXAR MEU CABELO EM PAZ (2014)

Só por hoje Só por hoje Vou deixar o meu cabelo em paz Durante 24 horas serei capaz De tirar Os óculos escuros modelo europeu que eu uso Enfrentar a claridade Só por hoje	Encarar a claridade Sem as sedutoras lentes Que nos ensinam A desejar ser quem não somos
Só por hoje Durante 24 horas Serei capaz De contemplar o que sou Só por hoje	Só por hoje Desafiar a claridade Com os escurecimentos necessários De um olhar —3D
	Só por hoje Só por hoje Vou deixar o meu cabelo em paz. (SOBRAL, 2014, p. 16)

Conforme Miranda (2010), o movimento negro tem buscado uma identidade através do resgate de uma cultura ancestral e da valorização das características fenotípicas negras, às quais, mesmo de forma subliminar, sempre foi atribuído menor status e menor valor estético.

Nesse sentido, cabe destacar que essa ideia de que o negro é feio e que o cabelo crespo pode ser controlado ou melhorado, sendo necessário consumir produtos e serviços. Ao fazer isso, segundo Cristiane Sobral, as mulheres seguem um padrão eurocêntrico capilar, pois fazem o tratamento de alisamento para não mostrar sua raiz ou cabelo crespo.

Contrário a isso, as mulheres que usam o cabelo afro, partem do princípio de que ele faz parte de sua linguagem corporal constituindo assim um ato de resistência e de valorização da identidade negra. Visto que

O cabelo negro, visto como “ruim” é, expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre o sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2012, p. 3).

Pinto (2016), corrobora com o pensamento dessa autora ao asseverar que pensar em corpo e cabelo para compor uma identidade negra está diretamente ligado à sua relevância para as culturas africanas, na contemporaneidade, atualizadas na diáspora, pois

trazidos de forma violenta para outros países sem nenhum bem material, o corpo negro expressou um território marcado por diversos significados, saberes e memórias.

Nesse pensamento é que Cristiane Sobral, ao produzir o poema *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014), intenciona destacar sobre o fato do corpo negro trazer uma identificação positiva a partir da aceitação do cabelo crespo.

Assim na primeira estrofe do poema, Cristiane faz crítica ao padrão eurocêntrico capilar, quando ela diz que: *Vou deixar o meu cabelo em paz / Durante 24 horas serei capaz / De tirar / Os óculos escuros modelo europeu que eu uso*. Isso porque o eu-lírico traz à tona o fato do cabelo ser um elemento da identidade negra, visto que ao escolher não alisar os cabelos mostra a não aceitação dos padrões eurocêntricos de beleza, ele ainda sugere ao leitor que as diferentes formas de uso do cabelo crespo valorizam a estética negra. Uma vez que:

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos (GOMES, 2002, p. 2).

Já na segunda estrofe o eu-lírico destaca o fato das pessoas que se submetem ao processo de mudar seu cabelo em busca de um padrão que foge a sua cultura em nome de uma aceitação esquecendo, segundo Gomes (2019), que o cabelo crespo é uma característica muito marcante na estética dos negros, que por vários anos vêm sendo vítima de preconceito racial devido sua aparência ser diferente dos cabelos lisos e loiros considerados, padrões de beleza americano. Por isso, ela diz que: *Só por hoje/Durante 24 horas/Serei capaz/De contemplar o que sou /Só por hoje/Encarar a claridade/Sem as sedutoras lentes/Que nos ensinam/A desejar ser quem não somos*. Gomes ainda ressalta que:

O eu poético assume suas raízes e origens sem medo, se opõe aos métodos de alisamento capilar, pois ao alisar o cabelo, ela esconde sua verdadeira personalidade para se tornar outra pessoa a qual ela não se encaixa, apenas para satisfazer os outros e ser aceita na sociedade (GOMES, 2019, p. 25).

Compreende-se que o eu-lírico tenta através dos versos, desconstruir a ideia de que somente o cabelo liso é bonito. Nesse sentido, Cristiane Sobral, em sua resistência e luta

por seu lugar de pertencimento, mostra para as mulheres afro-brasileiras que o cabelo é um elemento significativo ocupando um lugar importante para a composição da identidade negra.

E, por fim, na última estrofe o eu-lírico utiliza os versos de forma enfática, para mostrar sua resistência em continuar com o processo de conscientização para que as mulheres afro-brasileiras no seu processo de resistência e pertencimento abram mão dos procedimentos para alisarem os cabelos e permaneçam com seus cabelos crespos, assim ela diz que: *Só por hoje/Desafiar a claridade/Com os escurecimentos necessários/De um olhar —3D /Só por hoje /Só por hoje /Vou deixar o meu cabelo em paz.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou dois poemas de Cristiane Sobral, *Não vou mais lavar os pratos* (2011) e *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014), além de refletir sobre a luta da mulher para sair da invisibilidade, principalmente a mulher negra, visto que durante muito tempo foram silenciadas, por imposição feita pelo sexo dominante.

Para as mulheres negras a mordação, muitas vezes era no sentido literal, visto serem escravas, foi e continua a ser de uma crueldade sem limite, visto terem sido invisibilizadas e representadas apenas como corpos criados para o trabalho ou para a atividade sexual, o que ainda acontece na atualidade, mesmo que com menor intensidade.

Para tornar a situação ainda mais difícil, percebe-se a ausência de escritoras negras e o ocultamento de suas obras, o que tornou invisível a única forma de luta e resistência. Nesse sentido, fez-se considerações sobre o termo literatura afro brasileira e nessa vertente sobre a literatura afro-feminina, uma vez que tiveram as precursoras, que abriram caminho para que outras se manifestasse através de movimentos negros que viabilizaram meios para que elas publicassem e dessem vida aos seus gritos de liberdade e reivindicasse seu lugar de direito na sociedade através de sua escrita.

Com isso, surgem várias escritoras negras, dentre elas Cristiane Sobral, que em comum com as demais, reivindicam a oportunidade de serem ouvidas, de terem o reconhecimento, o valor e a dignidade de sua escrita. Reconhecendo que o ato de escrever se tornou uma representação imediata de resistência das mulheres negras.

Quanto aos poemas analisados, percebeu-se que o discurso de Cristiane, ressalta as dimensões específicas da condição da mulher negra. Com traços marcantes na escrita, empenha-se em construir representações que revertam aquelas que aparecem marcadas por inferioridade e exclusão nas práticas culturais hegemônicas e reafirmadas na literatura brasileira.

Ademais é notório o valor literário da literatura negra, visto que essa mulher escritora se torna sujeito real, seja no nível narrativo, seja no poético, uma vez que se torna o centro da narrativa ou da lírica.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição Federal. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 19 de nov. 2021
- CALDWELL, K. L. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, 2000
- CARNEIRO, S. Ennegrecer al feminismo. *Lola Press - Revista Feminista Internacional*, Montevideo, Uruguay, v. 16, p. 2-65, 2001. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em 12 de nov. de 2021
- COSTA, J. C. Cristiane Sobral: A poesia como dialética do imaginário sócio- cultural. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/34363280/Cristiane_Sobral_a_poesia_como_dial%C3%89tica_do_imagin%C3%81rio_s%C3%93cio_culturaL. Acesso em 14 de nov. 2021.
- COQUEIRO, W. S. A questão da identidade feminina na obra *O tigre na sombra*, de Lya Luft. *Palimpsesto*, v. 15, p. 18-33, 2016.
- DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, n.23, jan/jul, 2007.
- FERREIRA, A. C. Literatura Afro-Feminina Brasileira do século XXI: corpo, voz, poesia e resistência. In: *XV ABRALIC: experiências literárias textualidades contemporâneas*, 2017, Rio de Janeiro. *Anais - XV ABRALIC*, 2017. p. 5910-5921. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491524538.pdf. Acesso em 22 de nov. 2021.
- FONSECA, M. N. S. (2006). Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, Forenti na; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/Brasília: Fundação Cultural Palmares, p.9-38.

GOMES, B. B. Resistência e valorização da identidade negra em poemas de Cristiane Sobral. 2019, 34f. Monografia (Licenciada em letras). Universidade Estadual da Paraíba. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/19846>. Acesso em 14 de nov. 2021

GOMES, N. L. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: *Relações raciais*, 2012.
http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf. Acesso em 20 de nov. 2021

PERROT, M. Minha história das mulheres. 1.ed.,1ª reimpressão. São Paulo: Contexto.

NOGUEIRA, L. A representação da mulher negra na literatura brasileira. 2016. In Simpósio de linguagens e identidades na/da Amazônia Sul Ocidental, 10. Disponível em:<https://docplayer.com.br/29462632-A-representacao-da-mulher-negra-na-literatura-brasileira-liliane-nogueira-monteiro-1.html>. Acesso em 12 de nov. 2021

LIMA, L. V. Autoafirmação de uma intelectual negra: Cristiane sobral, em Não vou mais lavar os pratos. 2015. Disponível em: <http://docplayer.com.br/30252291-Autoafirmacao-de-uma-intelectual-negra-cristiane-sobral-em-nao-vou-mais-lavar-os-pratos.html>. Acesso em 10 de nov. 2021

LOBO, L.(1993). *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves

MARTINS, E. A. M. B. A importância das lutas feministas diante da busca pela igualdade de gênero. In: 9ª Jornada de Pesquisa e 8ª Jornada de Extensão do Curso de Direito da FAMES, 2016, Santa Maria. Anais da 9ª Jornada de Pesquisa da FAMES, 2016. Disponível em: <http://metodistacentenario.com.br/jornada-de-direito/anais/9a-jornada-de-pesquisa-e-8a-jornada-em-extensao-do-curso-de-direito/artigos/o-direito.pdf>. Acesso em 16 de nov. 2021

MIRANDA, M. Classificação de raça, cor e etnia: conceitos, terminologia e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil, no período de 2000 à 2009. 2011. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24243>. Acesso em 20 de nov. 2021.

NEPOMUCENO, B. “Mulheres Negras – Protagonismo Ignorado”. In: PINSKY, Carla Bassenezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova História das Mulheres. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

OLIVEIRA, F. C. S. Mulheres Negras Letras e Literatura: Uma Análise da Condição da mulher negra no final século XIX a meados do século XX. In. Redor, 18, 2014. Recife-PE. Anais Eletrônico...Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2016. P. 1586 - 1605. Disponível em:

<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/view/2309/731>_Acesso em 20 de nov. 2021

PIRES, C. Building freedom: anti-slavery and abolitionist struggles for black women in 19th century Brazil. *Revista História em Reflexão - Revista Eletrônica*, 2020.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/346763906_Building_freedom_anti-slavery_and_abolitionist_struggles_for_black_women_in_19th_century_Brazil. Acesso em 20 de nov. 2021

- PEREIRA, R. R. Da negritude à literatura afro-brasileira: um olhar histórico-literário. In: XIII Congresso Internacional da ABRALIC - Internacionalização do Regional, 2013, Campina Grande - PB. Anais ABRALIC Internacional (2013) - Volume 1, Número 2, 2013. Disponível em:
https://abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434459413.pdf_ Acesso em 14 de nov. 2021
- PESTANA, C. V. A. A mulher negra nos poemas de Cristiane Sobral - Luta, valorização e empoderamento, 2017. 100f. Dissertação (Mestrado em estudos literários). Universidade Federal de Juiz de Fora- MG. Disponível em:
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5490>._ Acesso em 23 de nov. 2021.
- PETTI, M. Poesia afro-brasileira feminina contemporânea. In: Línguas, Culturas e Literaturas em Diálogo: identidades silenciadas, 2018, Brasília. Línguas, Culturas e Literaturas em Diálogo: identidades silenciadas, 2018. p. 593-608.
- PINTO, M. A. CABEÇA FEITA: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra em Cristiane Sobral. 2016. 58f. Monografia (Letras Vernáculas). Universidade do Estado da Bahia. Disponível em:
<http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/461>. Acesso em 23 de nov. de 2021
- SANTIAGO, A. R. Vozes literárias de escritoras negras. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012.
- SILVA, M. A. Narrativas de mulheres negras araraquarenses: experiência e organização. Ceará. Fazendo Gênero, 2009. Disponível em
http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278292459_ARQUIVO_formulariofazendogenero.pdf Acesso em 30 de out. 2021.
- SOBRAL, C. Não vou mais lavar os pratos. 3 ed. Revista e ampliada. Brasília: Athalaia, 2016.
- SOBRAL, C. Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz. Brasília: Ed. Teixeira. 2014.
- SOUSA, F. S. Literatura afro-feminina brasileira: uma forma de combate ao silenciamento e ao racismo. Altre Modernità - Other Modernities- Autres Modernités, v. 01, p. 107-121, 2019. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6897354>. Acesso em 12 de nov. 2021
- VILA, I. C.; CRUZ, P. D. R. Mulheres negras no século XIX: entre a submissão e a rebeldia. Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Coluna Sala de Aula. Disponível em:
<http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Mulheres_negras_seculo_XIX.pdf>. Acesso em: 15 de nov. 2021.
- ZIN, R. B. Literatura e Afrodescendência no Brasil: condições e possibilidades de emergência de um novo campo de estudos. Caderno Seminal Digital (Rio de Janeiro), v. 29, p. 260-289, 2018. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/30978/23754>. Disponível em 12 de nov. 2021

Submissão: maio de 2023. Aceite: junho de 2023. Publicação: setembro de 2023.